

## **A redentora e o ex-escravizado: memória coletiva, representações dos negros e a construção da imagem da princesa Isabel**

*The redeemer and the ex-enslaved: collective memory, representations of black people and the construction of Princess Isabel's image*

*El redentor y el ex esclavo: memoria colectiva, representaciones de los negros y la construcción de la imagen de la princesa Isabel*

Luan Pedretti de Castro Ferreira<sup>1</sup>

Bianca Marlene da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo se constitui através da análise de duas obras – sendo um busto e uma escultura, respectivamente: *Busto à Princesa Isabel*, produzida pelo escultor Humberto Cozzo e *Ex-escravo louvando aos céus pela sua libertação*, de Adauto Venturi. Sendo localizadas na cidade de Juiz de Fora, a primeira instalada no jardim do Museu Mariano Procópio e a segunda, em uma área urbana em frente ao Parque da Lajinha. Ambas trazem um elemento comum: a representação sobre pessoas negras escravizadas na região de Juiz de Fora no momento da abolição, construindo narrativas diferentes sobre o mesmo fato. Logo, a partir da análise destes monumentos, buscaremos compreender de que maneiras a imagem da princesa foi construída historicamente enquanto "redentora" - e que reflexos acaba deixando no tempo presente na formação da memória pública da cidade. Não obstante, pretendemos também refletir sobre a representação de pessoas negras em uma cidade que concentra disputas de memórias sobre a participação de grupos étnicos na construção de si, no passado.

**Palavras-chave:** memória; representação; Princesa Isabel; história pública; Juiz de Fora.

**Abstract:** This article is constituted through the analysis of two works – a bust and a sculpture, respectively: *Bust à Princesa Isabel*, produced by the sculptor Humberto Cozzo and *Ex-slave praising the skies for his release*, by Adauto Venturi. Being located in the city of Juiz de Fora, the first installed in the garden of the Mariano Procópio Museum and the second in an urban area in front of Parque da Lajinha. Both bring a common element: the representation of black people enslaved in the Juiz de Fora region at the time of abolition, building different narratives about the same fact. Therefore, from the analysis of these monuments, we will seek to understand in what ways the princess's image was historically constructed as a "redeemer" - and what reflections it ends up leaving in the present time in the formation of the city's public memory. the representation of black people in a city that concentrates memory disputes about the participation of ethnic groups in the construction of themselves, in the past.

**Keywords:** memory; representation; Princess Isabel; public history; Juiz de Fora.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: luanpedretti@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: biancamsilva@gmail.com

**Resumen:** Este artículo se constituye a partir del análisis de dos obras, un busto y una escultura, respectivamente: *Bust à Princesa Isabel*, realizado por el escultor Humberto Cozzo y *Ex-esclavo alabando los cielos por su liberación*, de Adauto Venturi. Al estar ubicado en la ciudad de Juiz de Fora, el primero instalado en el jardín del Museo Mariano Procópio y el segundo en un área urbana frente al Parque da Lajinha. Ambos aportan un elemento común: la representación de los negros esclavizados en la comarca de Juiz de Fora en el momento de la abolición, construyendo distintas narrativas sobre un mismo hecho. Por tanto, a partir del análisis de estos monumentos, buscaremos comprender de qué manera se construyó históricamente la imagen de la princesa como "redentora" - y qué reflejos acaba dejando en la actualidad en la formación de la memoria pública de la ciudad. representación de los negros en una ciudad que concentra la memoria disputas sobre la participación de los grupos étnicos en la construcción de sí mismos, en el pasado.

**Palabras clave:** memoria; representación; Princesa Isabel; historia pública; Juiz de Fora.

\*\*\*

## INTRODUÇÃO

Os questionamentos com relação à cidade de Juiz de Fora e os objetos que aqui pretendemos analisar se deram a partir da observação do cotidiano e do entendimento que, no tempo presente, esta região comporta grande população preta ou parda, o que de acordo com o IBGE podem ser entendidos enquanto “negros”. Este instituto de pesquisa, no último censo populacional realizado no ano de 2010, atribuiu cerca de 43% da população total de Juiz de Fora<sup>3</sup> enquanto negros, incluindo os três distritos anexos ao município – Sarandira, Rosário de Minas e Torreões., ou seja, um grande índice populacional. Mas, a cidade não reconhece a participação destes sujeitos no seu processo histórico de formação da mesma, quando constrói a sua narrativa de fundação a partir da ação de sujeitos imigrantes europeus - dentre eles alemães, italianos, portugueses, etc. -, ressaltando que estes ocuparam a região e foram motor principal para o desenvolvimento local.

Pesquisas anteriores debateram a formação da cidade, a exemplo de Caio Batista<sup>4</sup>. O autor se concentra em debater Juiz de Fora entre 1850 e 1888 e quando o mesmo se atém a refletir sobre a formação da cidade de Juiz de Fora, define esta região conhecida como “sertões do leste” ou “áreas proibidas”, ainda no início do século XVIII<sup>5</sup>. O autor aponta que esta região era habitada por comunidades indígenas e era conhecida como área de passagem

<sup>3</sup> Fonte: IBGE – Censo demográfico 2010

<sup>4</sup> BATISTA, Caio da Silva. *Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora (MG), 1850-1888*. Juiz de Fora (MG), Funalfa, 2015.

<sup>5</sup> BATISTA, Caio da Silva. *Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora (MG), 1850-1888*. Juiz de Fora (MG), Funalfa, 2015, p.35.

para a zona da mineração. Destaca também o surgimento do Caminho Novo, que ligava a região mineradora aos portos de exportação da Colônia, passando por onde hoje se localiza a cidade de Juiz de Fora. Às margens deste caminho, foram surgindo povoados, dentre eles o de Santo Antonio do Parahybuna, atual Juiz de Fora<sup>6</sup>.

Caio Batista, continuando a contextualizar a formação da cidade de Juiz de Fora, destaca que é importante levar em consideração que o surgimento daquela vila se deu em região de grande concentração de pessoas em sistema de escravidão. Ele afirma que “o pequeno povoado de Santo Antonio do Parahybuna durante o século XVIII estava inserido em uma Comarca, que apresentava alto índice de escravos”<sup>7</sup>.

Outra pesquisadora que observa e reflete sobre Juiz de Fora é Rita Batista (1996). A pesquisa desta se limita entre os anos de 1888 a 1930. Batista afirma que a peculiaridade de Juiz de Fora com outras regiões de Minas se concentra no fato de que foi o único município da região a ter em uma mesma ocasião, cerca de 20.000 pessoas escravizadas no mesmo espaço temporal, em uma mesma lavoura de café. Assim, a autora entende e reforça que a força produtiva básica da região, obviamente, era a mão de obra escravizada<sup>8</sup>.

Portanto, podemos constatar que grande parte do desenvolvimento de Juiz de Fora, se deu com a utilização de mão de obra escravizada. Logo, a formação de Juiz de Fora se deu pelo trabalho escravizado. Após concretizada a transação de vila para cidade, Juiz de Fora servirá de entreposto comercial para a região da Zona da Mata. Assim, passará cada vez mais a oferecer serviços e necessitar de trabalhos que demandem dos sujeitos escravizados para se desenvolver, atrair indivíduos e capitais para o núcleo urbano.

Pensando sobre possíveis reflexos deste sistema para o tempo presente, no sentido de rupturas e continuidades, vamos nos amparar em recente pesquisa publicada pela ONU com relação ao IDH das cidades brasileiras<sup>9</sup>. A pesquisa foi publicada em 2017 e demonstrou que a expectativa de vida da população negra juizforana é de cerca de 10 anos a menos do que a população não-negra desta mesma localidade. O município de Juiz de Fora se classifica como o de maior desigualdade no estado de Minas Gerais, e em âmbito nacional sendo superada

---

<sup>6</sup> BATISTA, Caio da Silva. *Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora (MG), 1850-1888*. Juiz de Fora (MG), Funalfa, 2015, p.47.

<sup>7</sup> BATISTA, Caio da Silva. *Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora (MG), 1850-1888*. Juiz de Fora (MG), Funalfa, 2015, p.44.

<sup>8</sup> BATISTA, Rita de Cássia Souza Feliz. *O negro: trabalho, sobrevivência e conquistas em Juiz de Fora de 1888 a 1930*. Juiz de Fora (MG), Funalfa Edições, 2006.

<sup>9</sup> Acessível em:

<https://oglobo.globo.com/economia/nivel-da-qualidade-de-vida-dos-negros-tem-uma-decada-de-atraso-em-relacao-ao-dos-brancos-21308804>. Último acesso em 25/11/2020, às 21:45.

apenas por Porto Alegre e Niterói. Portanto, este dado se apresenta de forma interessante para apontamentos iniciais sobre a questão racial na cidade. Os resquícios do período escravista, se associando com outras estruturas - como o sistema capitalista - atuam para manter a população preta e parda em posição de subalternidade seja em âmbitos políticos, sociais ou econômicos.

Ao romper o silêncio sobre a tragédia da escravidão e do tráfico, uma tragédia ainda presente no mundo atual, o projeto *Rota do Escravo* propõe intervir nas consequências impostas por esses encontros forçados, fonte das interações culturais e diversidade das sociedades que viveram essas histórias e se transformaram hoje em sociedades multiétnicas e multiculturais. Três princípios básicos – Resistência, Liberdade e Herança – nos nortearam na construção do *Inventário*. [...] Com a ideia de resistência procura-se evidenciar como as vítimas da escravatura jamais cessaram de resistir; com a noção de liberdade, observa-se que a luta contra a escravidão redefiniu as próprias noções de liberdade, de dignidade e de humanidade como direitos universais; pela herança valoriza-se o patrimônio cultural criado pela diáspora no chamado Novo Mundo e presente em nosso tempo<sup>10</sup>.

Para conduzir a nossa reflexão sobre a cidade de Juiz de Fora, nos utilizaremos de dois elementos públicos que carregam narrativas sobre a população negra da região. O primeiro elemento é o *Busto à Princesa Isabel* (imagem 1), que está localizado no Parque do Museu Mariano Procópio. O segundo é a escultura *Ex-escravizado louvando aos céus pela sua libertação* (imagem 2), que está localizado no trevo de saída da cidade de Juiz de Fora pela Zona Sul, de frente para o Parque da Lajinha. Futuramente iremos explicar as motivações que nos fizeram recortar estes dois elementos, as correlações que eles estabelecem entre si e com os locais que estão instalados.

Como último ponto a ser abordado nesta introdução, nos limitaremos a refletir sobre a construção do Museu Mariano Procópio. Este surgiu a partir do hábito de colecionar que era algo presente na família Ferreira Lage e praticado por Alfredo Ferreira Lage, o idealizador da instituição. Foi fundado em 1921 para a comemoração do centenário de nascimento de Mariano Procópio Ferreira Lage, de acordo com Eduardo de Paula Machado<sup>11</sup>. Tinha-se por objetivo preservar a vila e alguns objetos com relação ao Império do Brasil, devido à relação que a Família Ferreira Lage estabelecia com esta instituição e a Família Real brasileira.. Na década de 1930, a Vila, junto com todo o prédio e seu acervo foi doado para a prefeitura de

---

<sup>10</sup> MATTOS, Hebe; ABREU, Martha and GURAN, Milton. *Por uma história pública dos africanos escravizados no Brasil*. *Estud. hist.* (Rio J.) [online]. 2014, vol.27, n.54, pp.255-273. ISSN 0103-2186.

<sup>11</sup> MACHADO, Eduardo de Paula. *A construção de uma memória familiar no Museu Mariano Procópio: o mausoléu da família Ferreira Lage*. Juiz de Fora, 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas; sob orientação da prof<sup>a</sup>. Maraliz de Castro Vieira Christo).

Juiz de Fora, se tornando um dos mais importantes museus de memória imperial do interior do Brasil. O acervo deste museu gira em torno de elementos utilizados pela Família Real, tendo um recorte muito específico com relação ao período que representa, juntamente com o grupo político e os sujeitos que fazem parte deste grupo político. Ao escolher fazer este recorte, o espaço do museu acaba silenciando outros sujeitos, narrativas e movimentos que ocorrem na sociedade. O objetivo deste artigo é questionar *se e como* estes outros sujeitos históricos que são silenciados aparecem na constituição dos acervos, ainda que de nos arredores da narrativa oficial escolhida pelo museu.

## O BUSTO

Como primeiro passo, iremos contextualizar o elemento que será nosso objeto de análise e que foi o motor inicial para a escrita deste trabalho: o *busto à Princesa Isabel* que se encontra no parque do Museu Mariano Procópio. O elemento público foi inaugurado em 1934, tem cerca de três metros de altura e foi produzido pelo escultor paulista Humberto Cozzo.

Este escultor, de nome oficial Bartolomeu Cozzo, de acordo com o site *Google Arts&Culture*<sup>12</sup>, está descrito como escultor e autor de mosaicos brasileiros. Formou-se pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo em 1920 e foi, por duas ocasiões, presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes do Rio de Janeiro. Além disso, ele fundou a Associação dos Artistas Brasileiros e foi membro do júri do Salão Paulista de Belas Artes e do Salão Nacional de Belas Artes. Portanto, entendemos que este artista tem uma longa trajetória no campo da produção artística nacional - falecendo no ano de 1981.

Observando outras obras deste artista no mesmo período de instalação do monumento no parque do museu Mariano Procópio, é possível fazer comparações e utilizar como exemplo *Olavo Bilac* (imagem 3), de 1935, que está localizado no Passeio Público-Centro, Rio de Janeiro. As aproximações possíveis de serem feitas dizem da composição física de ambas as homenagens, ou seja, uma placa de bronze com grafias em alto relevo, acopladas em uma pedra de granito.

Rogério Rezende Pinto fez em sua dissertação de mestrado a descrição da composição da obra que está localizada em Juiz de Fora. De acordo com o autor:

O monumento foi produzido a partir de uma base em granito branco de

---

<sup>12</sup> Fonte: [https://artsandculture.google.com/entity/humberto-cozzo/g12208\\_yx?categoryid=artist](https://artsandculture.google.com/entity/humberto-cozzo/g12208_yx?categoryid=artist) Acesso em 21/11/2020: às 17h05.

Petrópolis, tendo na frente um medalhão em bronze, com a efígie da princesa Isabel, em baixo relevo. Na parte inferior, aludindo ao ato de 13 de maio, há a figura de um negro, com braços estendidos ao alto, a face igualmente virada para cima – sugerindo olhar o medalhão que retrata Isabel –, tendo aos pulsos correntes partidas, assinalando explicitamente o teor da mensagem a ser lembrada; também esta parte foi fundida em bronze, com figura em baixo relevo<sup>13</sup>.

Ainda de acordo com o autor:

Cercado de polêmicas quanto ao seu ineditismo ou não, o monumento à princesa Isabel foi inaugurado no Parque Mariano Procópio em 29 de julho de 1934. A instalação do monumento pode ser entendida como parte do processo de reformas pelo qual o parque passava e como ressignificação do espaço. Quadro que contribuiu muito para que o MMP [Museu Mariano Procópio] voltasse às páginas da imprensa nacional, não apenas no ano de sua inauguração, quando jornais do Rio e de São Paulo destacaram o feito, mas, alguns anos depois, em 1939, por conta de uma polêmica quanto ao pioneirismo da homenagem – assunto que trataremos sequencialmente. Alfredo Lage entendeu que o monumento complementava o conjunto do Parque e Museu, servindo a obra em torno da memória de Mariano Procópio<sup>14</sup>.

Assim, podemos perceber a intencionalidade dos idealizadores do museu em construir e perpetuar uma determinada imagem associada à princesa Isabel, bem como aos sujeitos negros da cidade de Juiz de Fora. Essa narrativa é descrita por Carina Martins e Robert Daibert Junior, quando estes autores apontam que:

O discurso do Museu Mariano Procópio é centrado nos modos de vida e valores da elite de uma época, que era branca e escravocrata. Mas ele se volta, nos anos 1920, para uma população urbana já bem diversificada e que está comemorando a Independência do Brasil, sob um regime republicano. A identidade dos povos, nesse discurso, é tratada de forma essencialista, havendo o predomínio de uma diretriz deshistoricizante<sup>15</sup>.

Sobre as galerias do Museu, estes autores apontam que:

A narrativa histórica inscrita nas galerias apresenta um passado nacional marcado pela ação das elites brancas, colonizadoras, associadas ao modelo civilizatório europeu e católico. Em todo o percurso, há a ausência de conflitos, transformações, rupturas, rebeliões, participação popular. As diferenças sociais, quando aparecem, são minimizadas e diluídas diante de

---

<sup>13</sup> PINTO, Rogério Rezende. *Alfredo Ferreira Lage, suas coleções e a constituição do museu Mariano Procópio - juiz de fora, mg.* 358f. Juiz de Fora, 2008. (dissertação de mestrado, História, UFJF; sob orientação da prof.<sup>a</sup> Maraliz de Castro Vieira Cristo).

<sup>14</sup> PINTO, Rogério Rezende. *Alfredo Ferreira Lage, suas coleções e a constituição do museu Mariano Procópio - juiz de fora, mg.* 358f. Juiz de Fora, 2008, p.245. (dissertação de mestrado, História, UFJF; sob orientação da prof.<sup>a</sup> Maraliz de Castro Vieira Cristo).

<sup>15</sup> COSTA, Carina Martins; DAIBERT JR., Robert. Sentidos do passado: visões da história nacional nas galerias do Museu Mariano Procópio. In: *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História*. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.abeh.org/trabalhos/GT04/completocarina.pdf>.

um discurso marcado pela grandiloquência de um passado glorioso<sup>16</sup>.

Portanto, podemos interpretar a composição deste museu como que:

Em todo o percurso é marcante o poder auto-atribuído pelas elites de contarem sua história, entendendo-a como “a” história nacional. A história das elites é a história do poder das elites de se construírem como tal, por meio da apresentação enaltecida de suas próprias ações e feitos e das benesses daí advindas<sup>17</sup>.

A posição atribuída à representação do homem negro na escultura de Cozzo, foi o que provocou questionamentos com relação à narrativa que este elemento evoca sobre o grupo populacional de pretos e pardos da cidade de Juiz de Fora, bem como a representação do processo de escravização de sujeitos, a abolição do sistema no Brasil e seus reflexos na cidade de Juiz de Fora. Ao perceber que a instituição opta por construir e sustentar um posicionamento que narre a perspectiva das elites, é possível de entender que existem diversas outras narrativas e histórias que estão subalternas e ocultas do reconhecimento no processo histórico. Pois, como a psicóloga e teórica Grada Kilomba considera, estas simbolizam a posição de subalterna como sujeito oprimido que não pode falar porque as estruturas da opressão não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas<sup>18</sup>.

Partimos da concepção de História entendida como discurso. Segundo Keith Jenkins:

[...] a história constitui um dentre uma série de discursos a respeito do mundo. Embora esses discursos não criem o mundo (a coisa física na qual aparentemente vivemos), eles se aproximam do mundo e lhe dão todos os significados que têm" <sup>19</sup>.

Ao entender a constituição da Ciência História enquanto discurso produzido a partir das intencionalidades e subjetividades dos sujeitos que a produzem, entendemos que um museu histórico também carrega estes traços na sua constituição: seja por parte de seus fundadores, no caso Alfredo Ferreira Lage, ou por parte da atual administração que continua contribuindo para que outras histórias permaneçam subalternizadas nas narrativas construídas e representadas no acervo, ao escolherem manter representações que ressaltam o papel da

---

<sup>16</sup> COSTA, Carina Martins; DAIBERT JR., Robert. Sentidos do passado: visões da história nacional nas galerias do Museu Mariano Procópio. In: *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História*. Florianópolis, 2011, p.17. Disponível em: <http://www.abeh.org/trabalhos/GT04/completocarina.pdf>.

<sup>17</sup> COSTA, Carina Martins; DAIBERT JR., Robert. Sentidos do passado: visões da história nacional nas galerias do Museu Mariano Procópio. In: *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História*. Florianópolis, 2011, p.17. Disponível em: <http://www.abeh.org/trabalhos/GT04/completocarina.pdf>.

<sup>18</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.

<sup>19</sup> JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2011.

subalternidade aos sujeitos que historicamente não são constituintes das elites. Portanto, qual é essa narrativa? Quem é a Princesa Isabel para o Museu Mariano Procópio? Ao analisar a escultura de Humberto Cozzo, percebemos que a representação da Princesa Isabel é a da redentora, a mulher que deu fim ao sofrimento do povo preto no Brasil, ao assinar a Lei Áurea e dar por fim ao sistema institucional de escravização, amparado pela legislação do Estado, pois como demonstrou Rita Batista<sup>20</sup> com suas entrevistas a sujeitos descendentes na região de Juiz de Fora, as práticas que se assemelham à escravidão permaneceram pelo menos até a década de 1930.

No tempo presente, a imagem da Princesa Isabel sustentada pelo Museu Mariano Procópio é muito próxima, senão a mesma da que defende o atual Presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, tendo a gestão iniciada em maio de 2020. No dia 13 de maio de 2020, data que completou 132 da assinatura da Lei Áurea, a Fundação que tem luta histórica no combate às diversas formas de racismo e desigualdades no Brasil, publicou um artigo intitulado *Porque lembrar, em 13 de maio, a Princesa Isabel?*<sup>21</sup> de autoria de Laércio Fidelis Dias. O texto se baseia em uma carta de apenas quatro páginas a fim de argumentar o protagonismo da Princesa no processo da abolição, desconsiderando alguns elementos importantes para se pensar o processo de abolição gradual do sistema. Entre eles, destacamos: 1) a resistência dos sujeitos submetidos ao sistema de escravização, ao promover rebeliões, fugas, assassinatos de seus senhores e outras formas de se oporem àquela realidade; 2) o movimento abolicionista formado principalmente por uma elite intelectual urbana, que iniciou um movimento de oposição ao sistema de escravização - como pesquisado pela historiadora Angela Alonso<sup>22</sup>.

Conclusivamente, entendemos que existe uma narrativa oficial do museu Mariano Procópio sobre a Princesa Isabel, atribuindo à ela agência total no processo de abolição. Entendemos também que existe uma narrativa oficial da instituição acerca das pessoas negras no processo de abolição da escravidão, sendo esta construída através da passividade e submissão, não percebendo estes enquanto sujeitos históricos atuantes em seu tempo.

---

<sup>20</sup> BATISTA, Rita de Cássia Souza Feliz. *O negro: trabalho, sobrevivência e conquistas em Juiz de Fora de 1888 a 1930*. Juiz de Fora (MG), Funalfa Edições, 2006.

<sup>21</sup> DIAS, Laércio Fidelis. *Por que lembrar, em 13 de maio, a Princesa Isabel do Brasil?* Fundação Palmares, 2020. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/ARTIGO-Por-que-lembrar-em-13-de-maio-a-Princesa-Isabel-do-Brasil-2.pdf>

<sup>22</sup> ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 529p.



Portanto, esta é a narrativa oficial que a cidade de Juiz de Fora construiu sobre a sua população negra? Estes sujeitos aceitam esta versão passivamente e a interiorizam ou a confrontam? Logo, são alguns destes questionamentos que pretendemos debater ao decorrer do próximo tópico.

## A CONTRANARRATIVA

### a) Movimentos que contestam a narrativa oficial ao redor do mundo

Depois do assassinato de George Floyd no EUA pela polícia em maio de 2020, evocaram na sociedade diversos movimentos e discussões sobre as violências que atingem as populações subalternizadas, e em específico a população negra diaspórica, através dos atos *Black Lives Matter*, que no Brasil recebeu o nome de *Vidas Negras Importam*. Um destes questionamentos aconteceu no sentido de agir fisicamente contra algumas homenagens públicas a sujeitos que estiveram ligados ao sistema de tráfico e escravização de pessoas. Houve movimentos de derrubada de estátuas e intervenções políticas diante destas. Através desta breve contextualização é possível que façamos alguns questionamentos, como: quem está sendo homenageado(a)? Por que estão sendo homenageadas? O que esses sujeitos fizeram em vida? E logo, por que estão sendo derrubadas as estátuas desses sujeitos? Para seguirmos no debate, é importante lembrar um caso que ocorreu na cidade de Bristol, na Inglaterra. Durante uma passeata, houve a derrubada de uma estátua que representava Edward Colston, e esta foi jogada em um rio da cidade, com os manifestantes ovacionando a ação. Mas quem foi Colston e o que representou a derrubada do monumento que reverenciava sua memória?

Edward Colston foi funcionário da *Royal African Company* no final do século XVII, responsável por enviar milhares de pessoas da África Ocidental à escravidão na América do Norte e Caribe<sup>23</sup>. Então por que uma pessoa que atuou no sistema de escravização, um crime contra a humanidade no entendimento da UNESCO, está sendo homenageada com uma estátua em local público? Podemos refletir sobre a mentalidade da época em que a estátua foi implantada, tal como as intencionalidades das pessoas que a esculpiram e a colocaram em praça pública. Essa observação também pode ser feita com relação ao busto da princesa

---

<sup>23</sup> Fonte:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/11/estatua-de-escravocrata-britanico-derrubada-por-manifestantes-e-retirada-do-rio.ghtml> Acesso em 22/11/2020 às 11h49.

Isabel, nosso objeto de estudo. Mas, por que ainda hoje, no tempo presente, sujeitos como Colston continuam sendo tratados enquanto representativos e não há um trabalho de memória para se refletir as consequências das ações destes sujeitos?

É importante que aproximemos este movimento de reflexão da realidade ao qual estamos inseridos. Por exemplo, em São Paulo existe uma estátua para Borba-Gato. Este foi um bandeirante, grupo este que sua ação histórica é altamente exaltado em São Paulo como os “desbravadores do Brasil”, aqueles que abriram o Brasil, criando caminhos pelas matas fechadas existentes no território. Porém, existe outras interpretações com relação à imagem deste sujeito, que é a atuação no genocídio da população indígena e negra aquilombada. Atuaram no sentido de exterminar essas populações que viviam nas matas no interior do Brasil.

Promovendo um recorte ainda maior de análise da nossa realidade, existem outros diversos exemplos de estátuas, nomes de ruas e homenagens públicas a pessoas que a maioria dos cidadãos não conhecem suas trajetórias. Em Juiz de Fora, quem são as pessoas homenageadas com estátuas construídas em espaços públicos da cidade? Quem são as pessoas homenageadas com nomes de ruas na cidade de Juiz de Fora? Quem foi Costa e Silva, homenageado na principal avenida do bairro São Pedro, região universitária e de grande circulação, por exemplo?

Observar a cidade se faz importante para perceber qual narrativa esta constrói e carrega sobre o passado. Observar também quais são os lugares de memória<sup>24</sup> dispostos no espaço da cidade. Como afirma Rita de Cássia Mesquita Almeida, assim como a História, a Memória também orienta nossa vida a partir do presente, permitindo que o passado tenha seu significado e que o futuro se apresente<sup>25</sup>. Portanto, pensar no papel tanto da História quanto da Memória na construção de narrativas sobre o passado no presente, se faz importante para que possamos construir conhecimento histórico e incentivar a observação e a interpretação da realidade através do olhar.

Devemos perceber que estes questionamentos aos elementos que representavam apenas a perspectiva da elite política e de determinado grupo social, é um movimento de aprendizado e questionamento social importante, pois a cidade se constitui nos confrontos e tensionamentos. Assim como trazido por Rita de Cássia Mesquita,

---

<sup>24</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Prof. História, São Paulo, 1993

<sup>25</sup> ALMEIDA, R. C. *Palimpsestos urbanos: aprendizagens históricas em tramas de memórias da cidade*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

[...] movimentos de resistência ocorrem cotidianamente, mesmo que de forma velada. necessitam apenas de um olhar mais atento, de um estranhamento àquilo que é familiar para que essas atitudes de resistência comecem a emergir<sup>26</sup>.

Por fim, se faz importante pensar no papel da Ciência Histórica e nos dispositivos que ela nos oferece para questionar os tensionamentos sociais, e levantar o debate público. Acreditamos que uma forma didática de levantar este debate de questionamento da história oficial, ou publicização desta produção que estava dentro das academias, é trazê-la para o debate público, como ocorreu no desfile da Escola de Samba Mangueira no Carnaval do Rio de Janeiro no ano de 2019. “Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado” é um dos trechos do samba enredo que representam as disputas de memória na sociedade em que Pollak<sup>27</sup> debateu. Esta oportunidade se apresentou como uma forma de divulgação do conhecimento científico que vem sendo produzido nas academias há anos, mas não encontram espaços para que cheguem ao grande público.

#### **b) Movimentos que contestam a narrativa oficial em Juiz de Fora**

Como já delimitado anteriormente, Juiz de Fora teve, durante o período imperial uma importante relação com o sistema escravista. Após a abolição deste sistema, a população negra ainda continuou fazendo parte do cotidiano da cidade, se instalando em diversos pontos do município, fazendo com que estes fossem até mesmo reconhecidos enquanto áreas de quilombo urbano, como é o caso do Dom Bosco, bairro majoritariamente negro, estudado pela geógrafa Ana Claudia de Jesus Barreto<sup>28</sup>.

Perto deste bairro, na região onde hoje se encontra o Parque da Lajinha, se localizava a comunidade da Vila da Prata. Esta também foi uma grande concentração de população negra na cidade de Juiz de Fora. Em 23 de dezembro de 1981, foi a primeira vez que o embate entre a população e os interesses econômicos se tornaram públicos através da primeira página do jornal *Tribuna de Minas*, onde existe um anúncio na primeira página que diz: *Prefeitura*

---

<sup>26</sup>ALMEIDA, R. C. *Palimpsestos urbanos: aprendizagens históricas em tramas de memórias da cidade*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011, p.30.

<sup>27</sup>POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

<sup>28</sup>BARRETO, Ana Claudia de Jesus. *O lugar dos negros pobres na cidade: estudo na área de risco no Bairro Dom Bosco*. 1. ed. Juiz de Fora; FUNALFA, 2013.

*destrói Vila da Prata* (imagem 4). Em 18 de abril de 1982, o mesmo jornal traz em sua primeira página o anúncio de uma reportagem onde dizia: *Vila da Prata dá lugar a uma área de lazer* (imagem 5), que podemos inferir como sendo a construção do atual Parque da Lajinha.

Entendemos a partir das manchetes acima citadas os embates da população que ali vivia contra os interesses do poder público e do mercado imobiliário que se tornaria de grande especulação para o campo financeiro. Uma concentração de população negra foi tirada de seu lugar para a construção de uma área de lazer, a fim de beneficiar as classes média e alta da cidade, sobretudo moradoras no bairro Castatinha e proximidades.

Contudo, essa disputa não se silenciou com o passar do tempo. Instalada de frente para a entrada do Parque da Lajinha, a escultura *Ex-escravo louvando aos céus pela sua libertação* (imagem 2) confronta diversas narrativas sobre a população negra em Juiz de Fora. Em primeiro lugar, entendemos que esta questiona o apagamento das populações que ocupavam a Vila da Prata, estando instalada justamente no local onde este aglomerado existia. Em segundo lugar, questiona o *busto à princesa Isabel*, do parque do Museu Mariano Procópio, sendo a representação do homem negro semelhante, senão idêntica, nas duas ocasiões.

O escultor Adauto Venturi desenvolveu a obra e expôs em espaços públicos através da Lei Murilo Mendes de incentivo à cultura e literatura da Funalfa (Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage), o que achamos ser de grande coincidência a forma como nomes, narrativas e intencionalidades distintas se entrecruzam. Em entrevista ao jornal Tribuna de Minas, o artista explica que: *“Ela faz uma referência a todas as pessoas que conseguem se libertar desse sistema que escraviza, fazendo-as perder a própria vida em função de um cotidiano urgente”*<sup>29</sup>, Venturi é reconhecido na cidade por fazer diversas releituras em espaços públicos, como o *Tiradentes esquartejado* que tem a obra original também no acervo do Museu Mariano Procópio, e tem a sua releitura na Praça do bairro Jardim Glória.

A escultura *Ex-escravo louvando aos céus pela sua libertação* está representando um homem, que não nos possibilita identificar identidade étnica, caso não tivéssemos o relato do escultor de que é uma releitura do homem negro que está sendo representado no busto de Humberto Cozzi. Mas, agora, este sujeito não está reverenciando a representação da Princesa Isabel colocada acima dele. Ele está reverenciando diretamente ao céu. Em cima de si, não há

---

<sup>29</sup> Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/23-06-2015/ultimo-icone-desnudo.html>. Acesso em 22/11/2020 às 12h32.

nada e nem ninguém. Portanto, essa escultura nos leva a questionar a narrativa da Isabel enquanto redentora, dando protagonismo ao ex-escravizado enquanto único responsável pela sua libertação através da sua própria luta.

A escultura nos leva a questionar sobre os silenciamentos da cidade de Juiz de Fora com relação à sua escravização e das memórias negras como um todo. A mesma nos permite observar como a narrativa da “manchester mineira” foi construída historicamente buscando representar a imagem de que havia sido formada única e exclusivamente por europeus, em que teve ínfima ou nenhuma participação dos escravizados na sua constituição. Como vimos acima, nas publicações de Rita Batista e de Caio Batista, tanto nos períodos finais do Império, quanto no período da Primeira República, os negros foram presentes e essenciais para o desenvolvimento de Juiz de Fora. Essa escultura, se caracteriza enquanto um ponto de resistência e confronto à narrativa oficial, questionando as construções ideológicas de tentativa de apagamento do grupo populacional que se distancia dos padrões de vida e dos fenótipos eurocêntricos.

A fim de conclusão, entendemos que na cidade de Juiz de Fora existe uma disputa de memória<sup>30</sup> em que os sujeitos que detém os poderes políticos e econômicos, conseguem sobrepor suas versões sobre o passado, em detrimento daqueles sujeitos que foram explorados e permanecem subalternizados na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhando para as considerações finais, evidenciamos alguns questionamentos que perpassam a escrita do presente artigo: como a história pública brasileira foi construída historicamente por e para a branquitude<sup>31</sup>? De que modo sujeitos que são considerados heróis, como a Princesa Isabel, trazida ao longo do trabalho, são reflexo de um passado escravista, que deixa marcas até hoje? Considerando que 56% da população brasileira autodeclara-se negra, por que permanece sendo enaltecida a representação da princesa redentora como agente

---

<sup>30</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

<sup>31</sup> Para a psicóloga Maria Aparecida Bento a branquitude caracteriza-se enquanto um conjunto de “[...] privilégios racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas” (p. 8) sendo esta composta por sujeitos brancos, qual tende a definir a sociedade, como finaliza a autora. BENTO, Cida. *Branquitude - O lado oculto do discurso sobre o negro*. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (147-162).

libertadora de escravizados, com a Abolição da escravatura? Não houve agência de negras e negros durante este período histórico? E por fim, como 132 anos após o fim do período escravista ainda há quem dispute por deslegitimar a memória de Zumbi de Palmares? Qual a importância política de se reverenciar o 20 de novembro enquanto data símbolo da libertação e não o 13 de maio?

Estes questionamentos nos auxiliam a compreender como o tempo presente é reflexo das permanências e rupturas do passado histórico. A construção da memória é formada através dos interesses de determinados sujeitos – sobretudo grupos políticos dominantes; pela seleção narrativa que fazem; por disputas e poder. Considerando que, mesmo sendo a maioria da população brasileira, negros e negras não ocupam a maioria dos cargos públicos e de poder. Logo, podemos observar como a memória também é reflexo do racismo – sobretudo ao considerarmos que narrativas têm visibilidade e reconhecimento; quais caem no esquecimento.

Grada Kilomba escreve sobre o modo que as “máscaras do silêncio” são refletidas em nossa sociedade – considerando-a estruturalmente racista. Para a autora, a representação da “Escrava Anastácia” – sendo esta uma mulher negra escravizada durante o século XVIII, que se popularizou em nosso país através de sua imagem com uma mordaza tampando sua boca, que representa o colonialismo e a forma como este acomete as pessoas vítimas deste sistema<sup>32</sup>.

Logo, esta simbologia da mordaza significa o modo que o racismo, desde a formação de nosso país, amordaçou a população negra – assim como Anastácia: silenciando-a; não deixando espaços para falarem ou questionarem os reflexos da escravidão até o tempo presente; violentando fisicamente e também, simbolicamente, ao ignorar a agência negra na história do Brasil, ao construir a imagem de um país miscigenado através da formação de um mito da democracia racial<sup>12</sup>, ignorando as violências advindas do período escravista; selecionando, no campo da memória, figuras representativas brancas para referir-se à garantia de direitos conquistados historicamente, onde a agência negra não é reconhecida.

Essas máscaras do silêncio que marcam a história pública nacional também trazem reflexo a contextos locais. Considerando a cidade de Juiz de Fora, desde sua formação aos resquícios do passado escravista, compreendemos como a cidade também se torna campo de disputa, sobretudo na construção da memória. Os monumentos analisados ao longo do

---

<sup>32</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.

trabalho exemplificam estas permanências. O busto da Princesa Isabel no Museu Mariano Procópio, adquirido por Alfredo Ferreira Lage enquanto colecionador demonstra como as escolhas por esta obra diz das aproximações que sua família possuía com a família imperial. Logo, conhecer a história do museu e a forte relação com o passado escravista em torno da cidade reforça as continuidades que constituem Juiz de Fora até o tempo presente.

Concluindo, nossa proposta no presente trabalho não é deslegitimar a construção narrativa formada pela “história oficial”. Mas sim, trazer a importância de questionarmos estas obras – enquanto professores, historiadores, agentes dos próprios museus e logo, das cidades. Pois, como salienta o museólogo Mário de Souza Chagas,

Admitir a presença de sangue no museu significa também aceitá-lo como arena, como espaço de conflito, como campo de tradição e contradição. Toda a instituição museal apresenta um determinado discurso sobre a realidade.<sup>12</sup>

Para a historiadora Beatriz do Nascimento, a ideologia da “democracia racial” se formou na sociedade brasileira através do pensamento de que as relações interracializadas haveriam ocorrido de forma harmoniosa e pacífica, desconsiderando as violências que estas significaram. “Este discurso, como é natural, não é natural e compõe-se de som e de silêncio, de cheio e de vazio, de presença e de ausência, de lembrança e de esquecimento”<sup>33</sup>.

Os museus, enquanto reflexos da sociedade estruturalmente racista, são representações também destas disputas, seleções, interesses. Quando Mário Chagas afirma que “existe uma gota de sangue em cada museu”, podemos observar a aplicação dessa afirmação no próprio busto analisado neste trabalho, ao questionarmos: que agentes o compõem? Como estão sendo representados? Como esta obra traz reflexos do passado histórico para o tempo presente? E qual a importância de questioná-las? Pois, como trazido em outro trecho cantado pelo samba enredo de 2019, da escola de samba Estação Primeira de Mangueira: “não veio dos céus, nem das mãos de Isabel. A liberdade é um Dragão no mar de Aracati”.

---

<sup>33</sup> CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Cadernos de Sociomuseologia. nº13, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>

**ANEXO - IMAGENS**

**Imagem 1 - Busto à Princesa Isabel. Escultura de Humberto Cozzo. Museu Mariano Procópio.**



Fonte: <https://fotojornalismommp.wordpress.com/author/fotojornalismommp/> Acesso em 24/11/2020 às 09h22



**Imagem 2 - *Ex-escravo louvando aos céus pela sua libertação*, de Adauto Venturi.**



Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/23-06-2015/ultimo-icone-desnudo.html> Acesso em 24/11/2020 às 09h23

**Imagem 3 - *Olavo Bilac*, de Humberto Cozzo.**



Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/olavo-bilac-humberto-cozzo/cAH6TbcCH38jxg?hl=pt-br>. Acesso em 24/11/2020 às 09h27



Imagem 4: Primeira página do jornal Tribuna de Minas do dia 23/12/1981. Disponível no Arquivo - Setor de memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Foto: acervo pessoal



# TRIBUNA DE MINAS

DIÁRIO DE FORA, QUARTA-FEIRA, 23 DE DEZEMBRO DE 1981

## Prefeitura destrói Vila da Prata



O despejo começou bem cedo. As 7h, todos os móveis foram recolhidos do Dumbarel em uma barquinha da Prefeitura. Já às 8h, os moradores de Vila da Prata foram obrigados a sair. O prefeito, Antônio Luís Corrêa, e o secretário de Planejamento, José Jorge Araújo Aires, já estavam a postos. Os policiais apenas garantiram a ordem de despejo. As famílias foram encaminhadas para o Centro de Trabalho e Ação Social. José Jorge Araújo Aires, já estava a postos. Os policiais apenas garantiram a ordem de despejo. As famílias foram encaminhadas para o Centro de Trabalho e Ação Social.

**Comerciantes não querem tabelamento**  
 Os comerciantes de Vila da Prata não querem tabelamento. Eles afirmam que não têm condições de pagar o imposto de 15% que a Prefeitura quer cobrar. O prefeito, Antônio Luís Corrêa, já estava a postos. Os policiais apenas garantiram a ordem de despejo. As famílias foram encaminhadas para o Centro de Trabalho e Ação Social.

Os moradores não tiveram outra saída a não ser levar "suas coisas" para outra moradia

### João do Pulo continua em estado grave

### Preço eleva cotação do arroz em JF

### Cidade já tem mais de 160 mil eleitores

### Junqueira teme que incorporação ameace abertura

**João do Pulo continua em estado grave**  
 João Carlos de Oliveira, em estado de coma desde a madrugada de ontem, quando foi vítima de um acidente automobilístico na rodovia Anhanguera. Ele sofreu traumatismo craniano, fratura da tibia e perônio da perna direita e uma compressão abdominal. João do Pulo, na véspera do acidente, foi escolhido no México, ao lado de Nelson Piquet, o "Atleta da América de 1981". Segundo os boletins médicos, o estado do tricampeão mundial de salto triplo ainda é muito grave. (Pág. 12)

**Preço eleva cotação do arroz em JF**  
 A cotação do arroz é o destaque das três principais culturas da região de Juiz de Fora, (junto ao feijão e milho) diante da elevação de preços ocorrida este mês, passando a saca de 50 quilos do produto em casca, na colheita, de Cr\$ 600/700 para Cr\$ 1.700 a Cr\$ 2.000. Em contrapartida, o feijão das águas poderá ser prejudicado, pelo produto da safra anterior que ainda existe em algumas propriedades, mesmo que em pequena quantidade, porém com preços de Cr\$ 4 a Cr\$ 5 mil a saca de 60 quilos, considerado fraco. (Pág. 5)

**Cidade já tem mais de 160 mil eleitores**  
 O juiz titular da 14ª Zona Eleitoral, Antônio Carlos Ferreira Botti, revelou ontem que o Colégio Eleitoral da Comarca de Juiz de Fora já ultrapassou 160 mil inscritos. Ele, por outro lado, fez um relato sobre a criação de mais uma Zona Eleitoral na cidade, "que vai facilitar acentuadamente o nosso trabalho". Apesar da criação de uma nova unidade, Botti observou que não haverá nenhum problema para os atuais eleitorais, já que todos vão permanecer votando nos mesmos locais. (Pág. 3)

**Junqueira teme que incorporação ameace abertura**  
 O deputado Fernando Junqueira advertiu ontem que os impasses políticos surgidos com a decisão do PP de se incorporar ao PMDB podem causar reflexos nas eleições de 82 e, até mesmo, na própria abertura. Por outro lado, desfechou ácidas críticas ao Partido Popular, acentuando que ele já estava derrotado antes do pacote eleitoral, sendo cotado como o partido de menor potencial de votos. "Tenho conhecimento de que inúmeras lideranças do interior não seguirão as normas de incorporação, como é o caso, inclusive, do deputado Magalhães Pinto e, com isso, ocorrerão diversas pugnas jurídicas", disse ele. (Página 3)

### Em janeiro, o "Diário do Judiciário"

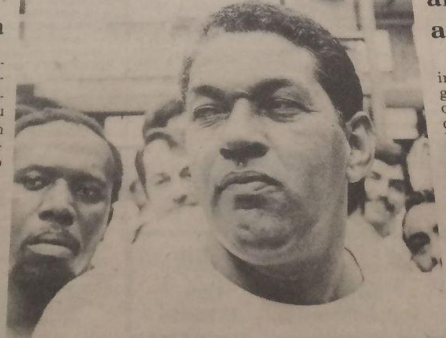
### Câmara e povo homenageiam Mané Garrincha

### Delgado ironiza ameaças contra as oposições

**Em janeiro, o "Diário do Judiciário"**  
 A partir do próximo dia 1º, a TRIBUNA DE MINAS passa a publicar o "Diário do Judiciário", para divulgar todo o expediente forense, além de documentos extra-judiciais. Hoje, o juiz Antônio Carlos Ferreira Botti, diretor do Fórum da Comarca de JF, explica o que é o "Diário do Judiciário". (Página 9)

**Câmara e povo homenageiam Mané Garrincha**  
 Com a mesma simplicidade dos dribles que empolgaram o Brasil e o mundo, Mané Garrincha passeou no Calção e manteve um contato com seus fãs do passado e admiradores do presente. O maior ponta-direita do futebol já teve veio a Juiz de Fora e, depois de dar muitos autógrafos e conversar com os torcedores, foi para a Câmara Municipal, onde recebeu uma placa como reconhecimento por tudo que fez pelo futebol brasileiro. (Pág. 12)

**Delgado ironiza ameaças contra as oposições**  
 O deputado Tarcísio Delgado ironizou ontem os políticos do governo que estão advertindo as oposições com uma série de medidas por causa da incorporação do PP ao PMDB. Segundo ele, somente um casuismo, a extinção das eleições em 82, poderá facilitar, mediante a manutenção do atual quadro, a maioria do PDS no Congresso Nacional. O parlamentar acentuou que existe apenas um casuismo que contraria com o seu voto. É o que dispõe sobre a ampliação do prazos de filiação para que o PD receba a adesão dos dissidentes. O PP que não aceitaram a incorporação. (Página 3)



Garrincha: um dia de homenagens em Juiz de Fora

**Plantão Médico**  
**MOLEDORES MÉDICO**  
 DOENÇAS VENEREAS  
 conditães e...  
 arbiho...  
 vaginal...  
 acimado...  
 (Página 1)

**Vendas natalinas recuperam comércio**  
 Nestes dias, últimos dias que antecedem o Natal, as vendas de Natal em Juiz de Fora em que apenas 33 contribuíram, no último dia 29 de novembro. O objetivo de ajudar a saúde, em parte, a aproximação. Cr\$ 4 tributos. (Página 6)

**Vaticano recebe 430 mil da Igreja em JF**  
 Cerca de Cr\$ 430 mil cruzados foi o resultado da coleta feita pelas Arquidiocese de Juiz de Fora em que apenas 33 contribuíram, no último dia 29 de novembro. O objetivo de ajudar a saúde, em parte, a aproximação. Cr\$ 4 tributos. (Página 6)

**JOAO BATISTA NATAL** ..... 2º Cad  
**LEOPOLDO SIQUEIRA** ..... Pág. 12  
**LIANA MENEZES** ..... 2º Cad.  
**CASTELLO BRANCO** Magalhães Pinto Pág. 4

**Wes**



Imagem 5: Primeira página do jornal Tribuna de Minas do dia 18/04/1982. Disponível no Arquivo - Setor de memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Foto: acervo pessoal



# TRIBUNA DE MINAS

DIÁRIO DE JORNAL DIÁRIO, 18 DE ABRIL DE 1982

## Silvio declara guerra à 'ditadura do PMDB'

**Prefeitura termina obra em represa**

As obras de construção da represa de São João, em Belo Horizonte, foram concluídas ontem, segundo informou o prefeito de Belo Horizonte, Carlos Tinoco. O trabalho foi realizado em 18 meses e custou 1,5 bilhão de cruzeiros. Tinoco afirmou que a obra é fundamental para a segurança da população de Belo Horizonte e para a produção de energia elétrica.



Silvia Abreu: vamos lutar contra a ditadura do PMDB

### Defesa Civil quer órgãos em toda a região

A Regional de Defesa Civil do 3º BPM voltou a trabalhar ontem na criação de órgãos de defesa civil em todo o estado. Nesse sentido, a equipe se reuniu com representantes da Associação dos Municípios de Micro-região do Pararábua - um órgão criado para a instalação de comissões de defesa civil em sua área de atuação. A entidade poderá ajudar a explicar a Rede e a medida que orientar os municípios e sobre a necessidade de criarem suas comissões. (Pág. 6)

### CEF continua aberta para a casa própria

O Conselho Executivo de Financiamento de Imóveis (CEF) continua aberto para a construção de casas próprias. O órgão, criado em 1979, tem o objetivo de facilitar o acesso à moradia própria para a população de baixa renda. Atualmente, o CEF está analisando propostas de projetos de construção de casas populares em várias regiões da cidade. (Pág. 7)

### PT apresenta Vila da Prata candidatos em pré-convenção

O Partido dos Trabalhadores de Vila da Prata realizou ontem uma pré-convenção para apresentar candidatos a prefeito, vereador e deputado estadual. O projeto de campanha do PT para Vila da Prata prevê a realização de um fórum popular em maio, com o objetivo de discutir as prioridades da população. O partido também anunciou a criação de uma comissão de trabalho para a realização de pesquisas e estudos. (Pág. 3)

- L. M. GUILHERMINO  
Convenção ..... Pág. 3
- CASTELLO BRANCO  
Efervescente ..... Pág. 4
- TADEU HAUCK  
Economia ..... Pág. 5
- W. SEBASTIÃO  
Exposição ..... 2º Cad.
- JOÃO BATISTA  
Cinema ..... 2º Cad.
- ANA MARIA  
Moda ..... 2º Cad.



Botafogo: hoje, um teste para o novo time do Sport



Lazer Entrevista

### Um domingo de show e música no parque

Música no Parque, lançamento de filmes, show de MPB à noite são algumas opções para o lazer neste domingo. Para as crianças, o melhor programa é a apresentação da Lira de Santa Rita de Cássia, que começa às 10 horas no Parque Halfeld. À noite, o espetáculo fica por conta de Sérgio e Marcinho (Fabry), com o show 'Um Simples Brasil', no Fórum da Cultura, que apresentará músicas inéditas além de uma seleção dos melhores autores da MPB. (Segundo Caderno)

### O pensamento de dom Juvenal Roriz

Política, educação, imoralidade, sindicalismo e, é claro, Igreja, foram os temas da entrevista concedida por dom Juvenal Roriz a TRIBUNA DE MINAS. Nesta conversa com cinco jornalistas - "uma sabatina", segundo o arcebispo - fica revelado o pensamento de dom Juvenal praticamente sobre tudo. "Eu me considero um não alinhado", faz seu participante do PT. "Isso critiquei muitas vezes a omissão, em certos assuntos, do CDDH, e preciso acabar com a injustiça". (Pág. 10)

### Rádio Sociedade

Vera Seraneta - A interpretação de músicas e cantos de louvação evangélica do Brasil.

Prece Poderosa - Programa de louvação evangélica do Brasil.

Músicas Brasileiras - Variações de temas clássicos e modernos.

Apontam o Sucesso - Programa de variedades.

Música - Programa de variedades.

Música - Programa de variedades.

Música - Programa de variedades.

Música - Programa de variedades.

Música - Programa de variedades.

### Cepe define a reposição de aulas

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFJF decidiu definitivamente amanhã se serão, ou não, repostas as aulas perdidas durante o período da greve estudantil de março. A proposta da Pró Reitoria de Ensino e Pesquisa é de reposição integral dos 15 dias, prolongando o calendário até seis de julho. (Página 9)

### Decisão entre Fla e Grêmio começa hoje

Flamengo e Grêmio, às 17 horas, no Maracanã, abrem a grande decisão da Taça de Ouro de 1982. Os dois times vão contar com as equipes completas e há uma previsão de renda recorde na competição. O segundo jogo será em Porto Alegre, e, por isto, o Flamengo anuncia um sistema ofensivo, para conseguir a vitória. (Pág. 12)

### Novo time do Sport enfrenta Botafogo hoje

Com seu time reformulado e fazendo a primeira partida diante de sua torcida o Sport enfrenta hoje, às 15 horas, no estádio Procópio Teixeira, o Botafogo. Ontem a movimentação dos torcedores em torno do jogo aumentou muito e a previsão de uma renda em torno de Cr\$2 milhões continua sendo mantida. (Página 12)

### Haig volta às negociações e nada consegue

Sem que nada transpirasse quanto aos resultados das reuniões de Alexander Haig para negociar a paz sobre as Ilhas Austrais, o encontro bilateral entre ingleses e argentinos, regidos por Haig, terminou ontem em clima de suspense o que, para observadores, representa mais um fracasso para a conciliação. (Pág. 11)

### Brasil, solução para bloqueio à Argentina

O Brasil poderá ser a solução para os argentinos que estão com suas exportações bloqueadas pelo Mercado Comum Europeu. Saídas pelo mar também fechadas. A previsão é que o sociólogo Ricardo Seitenberg estabeleça uma política comercial no sul do Brasil para produtos argentinos. (Pág. 2)

## ANEXO - LINKS:

*Por que lembrar, em 13 de maio, a Princesa Isabel do Brasil?* Laércio Fidelis Dias. (artigo publicado no 13 de maio/2020 pela Fundação Palmares). Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/ARTIGO-Por-que-lembrar-em-13-de-maio-a-Princesa-Isabel-do-Brasil-2.pdf>

*Último ícone desnudo.* Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/23-06-2015/ultimo-icone-desnudo.html>

*Conferência de Historiografia do Quilombo, Quinzena do Negro, Universidade de São Paulo (USP).* Documentário Ori (1989), Beatriz Nascimento. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgax63IUUD8qOgIM2wKVId4n/view>

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. C. *Palimpsestos urbanos: aprendizagens históricas em tramas de memórias da cidade.* Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

BARRETO, Ana Claudia de Jesus. *O lugar dos negros pobres na cidade: estudo na área de risco no Bairro Dom Bosco.* 1. ed. Juiz de Fora; FUNALFA, 2013.

BATISTA, Rita de Cássia Souza Feliz. *O negro: trabalho, sobrevivência e conquistas em Juiz de Fora de 1888 a 1930.* Juiz de Fora (MG), Funalfa Edições, 2006.

BATISTA, Caio da Silva. *Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora (MG), 1850-1888.* Juiz de Fora (MG), Funalfa, 2015.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos narcísicos da branquitude: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.* São Paulo, 2002.  
<[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento\\_do\\_2002.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento_do_2002.pdf)>

CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade.* Cadernos de Sociomuseologia. nº13, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>

CHRISTO, Maraliz de C. V. *Entre a cozinha e o exótico, representações do negro no acervo do Museu Mariano Procópio.* In: Coleções em diálogo: Museu Mariano Procópio e Pinacoteca de São Paulo. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2014, p. 268-281.

COSTA, Carina Martins. *Memórias silenciadas, memórias disputadas: os museis históricos e as representações do negro.* In: DAIBERT, Robert; PEREIRA, Edimilson. (Org.) *Depos, o atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana.*

COSTA, Carina Martins; DAIBERT JR., Robert. *Sentidos do passado: visões da história*

nacional nas galerias do Museu Mariano Procópio. In: *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História*. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.abeh.org/trabalhos/GT04/completocarina.pdf>.

DAIBERT JR, Robert. *Santa Isabel e o escravo devoto: a princesa redentora por olhares negros e brancos*. Anais do Museu Mariano Procópio. Juiz de Fora, v.1, nº1, 2014.

HOOKS, Bell. *Olhares Negros. Raça e Representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO, Eduardo de Paula. *A construção de uma memória familiar no Museu Mariano Procópio: o mausoléu da família Ferreira Lage*. Juiz de Fora, 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas; sob orientação da profª. Maraliz de Castro Vieira Christo).

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha and GURAN, Milton. *Por uma história pública dos africanos escravizados no Brasil*. *Estud. hist. (Rio J.)* [online]. 2014, vol.27, n.54, pp.255-273. ISSN 0103-2186.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos* / Beatriz Nascimento; org. Alex Ratts - 1º ed - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Prof. História, São Paulo. 1993

PINTO, Rogério Rezende. *Alfredo Ferreira Lage, sua coleções e a constituição do museu Mariano Procópio - juiz de fora, mg. 358f*. Juiz de Fora, 2008. (dissertação de mestrado, História, UFJF; sob orientação da profª. Maraliz de Castro Vieira Christo).

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.